

**O GUARDADOR DE REBANHOS E A CONTRADIÇÃO DE ALBERTO CAEIRO EM
RELAÇÃO AO CONHECIMENTO¹**

Sandra Regina Tornquist²

RESUMO

O presente estudo visa apontar a contradição de Alberto Caeiro em relação ao conhecimento racional e objetivo, na obra *O guardador de rebanhos*, revelada, em muitos momentos, através da presença de antíteses e paradoxos nos poemas. Dessa forma, busca-se contribuir para ampliar os estudos sobre os heterônimos de Fernando Pessoa, principalmente no sentido de desconstruir a visão de Caeiro como exemplar perfeito do Paganismo, quando, na verdade, ele é fortemente marcado pela inteligência e pela reflexão. A fim de confirmar a tese proposta, apresenta-se a análise de poemas da referida obra, bem como se apontam os posicionamentos de diferentes estudiosos sobre o tema.

Palavras-chave: Alberto Caeiro. *O guardador de rebanhos*. Poesia. Conhecimento. Contradição.

INTRODUÇÃO

O conhecimento humano é tema recorrente no trabalho de numerosos autores ao longo dos tempos, sendo tomado sob diversos pontos de vista, nos mais variados tipos de obra. Nas ciências e na filosofia, sua conquista é, em geral, o foco central das atenções, enquanto na arte sua busca é por vezes criticada. É o que já acontece, por exemplo, no século XVI, quando Erasmo de Roterdã publica *O elogio da loucura*, em que a própria loucura, que toma o papel de protagonista, afirma: “as ciências não provêm da natureza. Foi Teuto, gênio inimigo do gênero humano que as inventou para a este arruinar.” (1983, p. 56).

E o tema mantém-se atual, pois hoje, enquanto por um lado as ciências levam cada vez mais longe o alcance do conhecimento racional, lógico-matemático e objetivo, por outro, manifesta-se uma firme visão de que não é possível ao homem entender tudo, há coisas que lhe escapam e que, como revela Carpinejar em um trecho de sua poesia, o humano “nunca (está) adulto para compreender.” (2002, p. 20).

Assumindo também a oposição à busca pelo conhecimento enquanto fruto do pensamento racional, da reflexão e da interpretação, Fernando Pessoa, criando o heterônimo Alberto Caeiro, escreve diversos poemas em que defende a visão de mundo difundida pelo Paganismo, que busca a harmonização com a natureza e a não reflexão sobre ela. Álvaro de Campos, outro heterônimo de Fernando Pessoa, afirma sobre Alberto Caeiro: “O meu mestre Caeiro não era um pagão: era o paganismo” (SIMÕES, s/d, p. 290).

No entanto, aliar Alberto Caeiro ao paganismo não é tão simples quanto parece, pois ele assume uma atitude paradoxal. Se, por um lado, ele deseja viver somente daquilo que seus sentidos captam, negando assim a reflexão, por outro, ao escrever poemas, ele entra no nível do abstrato. Trata-se, assim, de “um abstrato, paradoxalmente inimigo de abstrações” (GAI, 1986, p. 8).

A obra *O guardador de rebanhos* é bastante esclarecedora em relação ao afirmado, na medida em que o emprego de antíteses (figura de linguagem que aproxima palavras e ideias de sentido contrário) e paradoxos (figura de linguagem que expressa uma contradição de ideias), reforça a confusão interna do eu-poético (Alberto Caeiro), como alguém que busca não refletir sobre o que sente, no desejo de ser o mais natural possível, mas que não consegue se desfazer do pensamento em seu dia a dia e na produção da poesia. É justamente essa contradição interna de Alberto Caeiro que se buscará apontar neste estudo, no sentido de revelar a forte influência que o pensamento racional tem sobre ele e sua produção poética. Para tanto, será realizada em seguida a análise da referida obra.

AS CONTRADIÇÕES EM RELAÇÃO AO CONHECIMENTO NA OBRA O GUARDADOR DE REBANHOS

O guardador de rebanhos é um conjunto de 49 poemas que teriam sido escritos por Alberto Caeiro todos de uma vez, no dia 8 de março de 1914, sendo considerados por Fernando Pessoa, não só o melhor que ele “fizera, como o que de mais *inspirado* havia concebido” (SIMÕES, s/d, p. 275, grifado no texto). Note-se que o poeta aproxima essa criação poética da concepção de inspiração, em oposição à ideia de trabalho com as palavras, pois pretende transmitir a noção de uma arte como “representação genuína da natureza” (GAI, 1986, p.8.) e não como fruto da reflexão sobre ela. É somente nesse sentido que Caeiro admite possuir algum conhecimento: uma espécie de conhecimento intuitivo, um pensamento inspirado e fruto dos sentidos.

As contradições, porém, perpassam a obra, revelando não um pagão, mas “um homem inseguro de si, em luta consigo mesmo” (COELHO, s/d, p. 17). No primeiro verso do primeiro poema, em oposição ao proposto no título do conjunto, o eu-poético afirma: “Eu nunca guardei rebanhos.” (PESSOA, 1980, p. 135). Esse paradoxo inicial vem a ser explicado no poema IX, em que Alberto Caeiro revela o tipo de guardador de rebanhos que é: “Sou um guardador de rebanhos. / O rebanho é os meus pensamentos / E os meus pensamentos são todos sensações. / Penso com os olhos e com os ouvidos / E com as mãos e os pés / E com o nariz e a boca.” (p. 146).

Esses versos são fundamentais para compreender a posição do sujeito lírico frente ao pensamento, tido pela sociedade como gerador de conhecimento. Para Alberto Caeiro, como já afirmado, o pensamento deve equivaler ao que é percebido pelos sentidos, não devendo aproximar-se da reflexão, pois, se tomado neste sentido, “Pensar é estar doente dos olhos.” (p. 137). Toda a obra é construída visando consolidar essa visão, mas os recursos da antítese e do paradoxo demonstram a contradição presente no eu-poético.

Ainda no primeiro poema, Alberto Caeiro faz uso de uma antítese para demonstrar sua tristeza por ser capaz de refletir sobre seus pensamentos, entendidos como sensações: “Como um ruído de chocalhos / para além da curva da estrada, / Os meus pensamentos são contentes. / Só tenho pena de saber que eles são contentes, / Porque, se o não soubesse, / Em vez de serem contentes e tristes, / Seriam alegres e contentes.” (p. 135). Aqui se mostra uma visão do sujeito lírico como um ser a quem a lucidez não permite uma felicidade completa. Sua repulsa à

reflexão é reforçada nos seguintes versos: “Pensar incomoda como andar à chuva / Quando o vento cresce e parece que chove mais.” (p. 135).

É interessante observar, porém, o posicionamento de Alberto Caeiro em relação à sua poesia, pois ao referir-se a ela não consegue eliminar o pensamento, conforme expresso em:

Quando me sento a escrever versos
 Ou, passeando pelos caminhos ou pelos atalhos,
 Escrevo versos num papel que está no meu pensamento,
 Sinto um cajado nas mãos
 E vejo um recorte de mim
 No cimo de um outeiro,
 Olhando para o meu rebanho e vendo as minhas idéias,
 Ou olhando para as minhas idéias e vendo o meu rebanho. (p. 135).

Note-se a contradição aí expressa, na medida em que escrever versos num papel que está no pensamento exige reflexão, ou seja, é uma forma de conhecimento. O eu-poético, no entanto, tenta mostrar que esse saber se afasta do conhecimento objetivo, reflexivo ou lógico-matemático que guia o restante da sociedade, mas é um fruto natural da mente, enquanto registro dos sentidos. Para transmitir essa visão, ele escreve, referindo-se a seus leitores: “E ao lerem os meus versos pensem / Que sou qualquer coisa natural.” (p. 136).

Ser natural, então, é não pensar, conforme reforçado no poema II, em que a tônica recai sobre a “eterna novidade do Mundo”. Em relação a isso, o sujeito lírico afirma: “Creio no mundo como num malmequer. / Porque o vejo. Mas não penso nele / Porque pensar é não compreender... / O Mundo não se fez para pensarmos nele / (Pensar é estar doente dos olhos) / Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...” (p. 137). Destoando da visão habitual de que a compreensão passa pelo pensamento, o eu-poético estabelece um paradoxo quando afirma que “pensar é não compreender”.

Usando desse recurso, ele reitera a necessidade de não pensar, somente sentir e, conforme confirma na seqüência, o que diz em relação à natureza não é resultado de uma filosofia ou do conhecimento do que ela seja, mas do amor que sente por ela, “Porque quem ama nunca sabe o que ama / Nem sabe por que ama, nem o que é amar...” (p. 137). Trata-se, como já referido, de uma tentativa de aproximação da visão pagã do mundo.

Essa tentativa é, porém, frustrada, na medida em que o sujeito lírico levanta reflexões e questionamentos como: “Que idéia tenho eu das cousas? / Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos? / Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma / E sobre a criação do Mundo?” (p. 139). A resposta dada - “Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos / E não pensar” (p. 139) – visa mostrar a completa indiferença de Alberto Caeiro quanto ao assunto, mas deixa a marca de que ele trabalha com a inteligência, mesmo que tente negá-la a todo instante.

Um momento forte de elevação das sensações em contraposição à reflexão é apresentado no poema V, no qual o eu-poético destaca que a luz do sol, inconsciente do bem que faz, é muito mais importante que todo saber que pode ser expresso pelos seres humanos, inclusive pelos poetas, grupo no qual ele próprio está inserido: “Quem está ao sol e fecha os olhos, / Começa a não saber o que é o sol / E a pensar muitas cousas cheias de calor. / Mas abre os olhos e vê o sol / E já não sabe pensar em nada. / Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos / De todos os filósofos e de todos os poetas.” (p. 140).

Como síntese dessa visão, Alberto Caeiro recorre a um novo paradoxo: “O único sentido íntimo das cousas / É elas não terem sentido íntimo nenhum” (p. 140), ou seja, é o homem que, através da linguagem, pretende atribuir um sentido a tudo, valendo-se do pensamento, da reflexão. Mas o próprio Caeiro atribui sentido às coisas, especialmente aos seus pensamentos, conforme fica claro em:

As quatro canções que seguem
 Separam-se de tudo o que eu penso,
 Mentem a tudo o que eu sinto,
 São do contrário do que eu sou...

Escrevi-as estando doente
 E por isso elas são naturais
 E concordam com aquilo que sinto,
 Concordam com aquilo que não concordam... (p. 148)

Aqui pode-se questionar: como é capaz de mentir e, mais do que isso, de estar consciente da mentira, alguém que procura viver de maneira natural, somente das impressões que advém dos sentidos, em conformidade com o que propõe o paganismo? Note-se, a esse respeito, que o sujeito lírico afirma que as canções a que se refere negam aquilo que ele sente, pois, sendo escritas enquanto estava

doente, são naturais, ou seja, fruto da essência do ser, da pureza que o ser humano perde ao crescer e se revestir de conhecimento. E essa essência só seria possível recuperar em momentos de abalo, como na doença, que reduz a capacidade de raciocínio, de reflexão. Caeiro admite, assim, de certa forma, que quando está são, vale-se do conhecimento, como os demais homens.

A contradição do eu-poético em certos momentos torna-se tão evidente que ele chega a escrever, num mesmo poema, dois versos que expressam posições contrárias quanto às canções que apresenta; tratam-se dos já citados: “Mentem a tudo que sinto” e “E concordam com aquilo que sinto”, daí se justifica a antítese “Concordam com aquilo que não concordam...” (p. 148).

A seqüência de poemas é novamente reveladora da contradição interna de Caeiro, que preferiria ter vida semelhante aos outros seres naturais, que não o homem, pois aqueles não sofrem das inquietações deste. Seria melhor, então, ser o burro do moleiro, a quem este bate, mas estima (p. 150). A antítese mostra a contradição intrínseca ao homem, que provoca a dor daquele de quem gosta; já o animal não sofre dessa confusão de sentimentos e atitudes.

Mas essa visão natural das coisas é uma tarefa difícil para o ser humano, para a qual “O essencial é saber ver. / Saber ver sem estar a pensar, / Saber ver quando se vê, / E nem pensar quando se vê / E nem ver quando se pensa. / Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!). / Isso exige um estudo profundo, / Uma aprendizagem de desaprender.” (p. 152-153). Novamente, Alberto Caeiro revela a busca por uma relação com a Natureza como a estimulada pelo paganismo, mas frisa que para isso é necessário um conhecimento que supera o do homem comum, que tem “a alma vestida” de (pré)conceitos, reflexões, buscas de verdade e positividade. É preciso, conforme o eu-poético, aprender a despir-se de toda essa carga de conhecimento, para ser natural, como quer o paganismo, de quem ele seria um modelo.

Caeiro prossegue nessa exaltação à Natureza e à vida integrada a ela no poema XXVII, afirmando que “Só a Natureza é divina, e ela não é divina...” (p. 155). Essa antítese se justifica por a Natureza não ter consciência de sua divindade, já que este é um conceito humano. A Natureza seria assim, conforme o sujeito lírico, só compreensível por fora, já que não tem dentro, “Senão não era a Natureza.” (p. 155).

Mas é justamente na tentativa de adotar uma atitude semelhante à da Natureza que Caeiro revela debater-se com o conhecimento, caso contrário não haveria necessidade de justificação, como ocorre em: “Nem sempre sou igual no que digo e no que escrevo. / Mudo, mas não mudo muito. / A cor das flores não é a mesma ao sol / De que quando uma nuvem passa / ou quando entra a noite / E as flores são cor da sombra.” (p. 155).

Se, mesmo quando parece diferente, Caeiro é um só e o mesmo, é porque ele está ora voltado para a visão pagã do mundo, ora para a razão, como quem se volta ora para a direita, ora para a esquerda, conciliando o que vê de cada lado. Mas ele não busca a conciliação, prefere antes ocultar o lado racional, e aí se torna contraditório.

Isso fica evidente quando ele tenta justificar os paradoxos de sua escrita pelo desejo de ajudar os homens a compreender:

Porque escrevo para eles me lerem sacrifico-me às vezes
À sua estupidez de sentidos...
Não concordo comigo mas absolvo-me,
Porque só sou essa coisa séria, um intérprete da Natureza,
Porque há homens que não percebem a sua linguagem,
Por ela não ser linguagem nenhuma. (p. 156)

No poema seguinte, Caeiro se contradiz a esse respeito, pois afirma que “Todo mal do mundo vem de nos importarmos uns com os outros.” (p. 157). Mas que outro sentimento, que não o de se importar, move alguém que tenta revelar a linguagem da Natureza a quem não a compreende?

E então cabe também questionar quem é esse poeta que se revela nos poemas de *O guardador de rebanhos* e, na busca pela resposta, encontra-se, como afirma João Gaspar Simões,

um crânio, uma cabeça, nada mais. Ser-nos-ia impossível encontrar o tronco e os outros membros desse desmembrado crânio. De fato, Alberto Caeiro, no bucolismo materialista e primitivo dos seus versos, não se revela um homem, denuncia-se uma mente, uma desintegrada e desincorporada mente poética (s/d, 276).

Ao tomar-se consciência disso, mostram-se ainda mais contraditórios versos como: “Acho tão natural que não se pense / Que me ponho a rir às vezes, sozinho, / Não sei bem de quê, mas é de qualquer coisa / Que tem que ver com haver gente

que pensa.” (PESSOA, 1980, p. 158). Há aí um paradoxo, pois, pelo senso comum, o normal é que os homens pensem, e a mente, que é a forma pela qual Caeiro se apresenta, é associada de forma recorrente ao pensamento e à compreensão.

Nova tentativa de justificação se encontra no fato de que, para Caeiro, até os sentidos são doentes, e ele acaba vendo nisso uma vantagem, também ela paradoxal:

Mas graças a Deus que há imperfeição no mundo
 Porque a imperfeição é uma cousa,
 E haver gente que erra é original,
 E haver gente doente torna o Mundo engraçado.
 Se não houvesse imperfeição, havia uma cousa a menos,
 E deve haver muita cousa
 Para termos muito que ver e ouvir... (p. 161)

Valendo-se da imperfeição do Mundo, como algo positivo, que favorece a pluralidade, Caeiro começa a isentar-se de culpas, pois como parte desse Mundo ele também é passível de imperfeições e pode às vezes dizer mal ou de forma confusa aquilo que pensa, conforme expressa no poema XLVI, em que assume: “Nem sempre consigo sentir o que sei que devo sentir / O meu pensamento só muito devagar atravessa o rio a nado / Porque lhe pesa o fato que os homens o fizeram usar.” (p. 163). O rio que o pensamento atravessa pode ser entendido como a passagem da razão para o pensamento intuitivo, a percepção captada pelos sentidos, ou ainda, como propõe Deleuze, o “cérebro emotivo, passional” (1992, p. 79). Para conseguir transpor esse rio, Caeiro revela:

Procuro despir-me do que aprendi,
 Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
 E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
 Desencaixotar minhas emoções verdadeiras,
 Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,
 Mas um animal humano que a Natureza produziu. (PESSOA, 1980, p. 163)

Só assim o eu-poético pode atingir seu ideal e afirmar: “Sou o descobridor da Natureza. / Sou o Argonauta das sensações verdadeiras. / Trago ao Universo um novo Universo / Porque trago o Universo ele-próprio.” (p. 163). É preciso despersonalizar-se, ou melhor, recuperar a personalidade primitiva para atingir o ideal defendido ao longo dos poemas de *O guardador de rebanhos*; por isso, Alberto

Caeiro precisa deixar de ser o poeta/pensador e ser somente “um animal humano”, para que sejam coerentes suas atitudes.

No entanto, o poeta/pensador revela-se em situações como a do poema XLVII, em que ele acredita ter entendido o Grande Mistério e encontrado, mesmo sem querer, a verdade, pois só existem mistérios e verdades para quem acredita na sua existência e é capaz de refletir sobre elas para perceber que as encontrou.

Ao chegar ao final de *O guardador de rebanhos*, pode-se imaginar que seus poemas são como seu criador e como o Universo: eles passam e ficam; passam pelas mãos de muitos leitores, por muitas gerações e ficam nelas de alguma forma. Para alguns, são uma libertação, levando-os a adotar como ideal de vida a proposta dos versos finais da obra: “Sem ler nada, sem pensar nada, nem dormir, / Sentir a vida correr por mim como um rio por seu leito.” (p. 165). Para outros, porém, os poemas são um desafio à reflexão, àquilo que Caeiro nega o tempo todo, mas que não consegue esconder que sente quando escreve.

A análise dos poemas de *O guardador de rebanhos* confirma, assim, que a atitude de Alberto Caeiro em relação ao conhecimento é contraditória e isso é expresso, em diversas situações, através das figuras da antítese e do paradoxo. Portanto, Caeiro não deve ser visto como um seguidor exemplar do paganismo, pois ele, na verdade, é marcado sobretudo pela inteligência, conforme já assinalava Jacinto do Prado Coelho em seus estudos.

O GUARDADOR DE REBANHOS AND ALBERTO CAEIRO'S CONTRADICTION IN RELATION TO THE KNOWLEDGE

ABSTRACT

The present study aims to show Alberto Caeiro's contradiction in relation to the rational and objective knowledge, in the work *O guardador de rebanhos*, revealed, in some moments, through the use of antithesis and paradoxes in the poems. So, the objective is to contribute to enlarge the studies about Fernando Pessoa's heteronyms, mainly to change the vision of Caeiro as a perfect exemplar of the Paganism, when, in fact, he is strongly marked by the intelligence and the reflection.

In order to confirm the proposed thesis, are going to be presented the analysis of poems of the mentioned work, as well as are going to be pointed the position of scholars about the subject.

Keywords: Alberto Caeiro. *O guardador de rebanhos*. Poetry. Knowledge. Contradiction.

NOTAS

- ¹ Estudo desenvolvido pela autora na disciplina de Estética e Cognição, ministrada pela professora Dra. Eunice T. Piazza Gai, no período de 14 de fevereiro a 20 de abril de 2007, dentro do programa do Mestrado em Letras – Leitura e Cognição – da UNISC. A autora realizou uma comunicação a partir deste artigo no IV Colóquio Nacional Leitura e Cognição - UNISC.
- ² Graduada em Letras Português / Inglês e respectivas Literaturas pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) e Mestre em Letras - Leitura e Cognição - pela mesma instituição.

REFERÊNCIAS

CARPINEJAR, Fabrício. *Biografia de uma árvore*. São Paulo: Escrituras, 2002.

COELHO, Jacinto do Prado. *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa: Verbo, s/d.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

GAI, Eunice Terezinha Piazza. “O relativismo criador em Fernando Pessoa”. In: *Signo*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, v. 11, n. 17, 1986.

PESSOA, Fernando. *O eu profundo e os outros eus: seleção poética*. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

ROTTERDÃ, Erasmo de. SCHOPENHAUER, Arthur. *O elogio da loucura; O livre arbítrio*. São Paulo: Brasileira, 1983.

SIMÕES, João Gaspar. *Vida e obra de Fernando Pessoa*. 2. ed. Lisboa: Bertrand, s/d.